

DESERTOS DE CIVILIZAÇÃO: SIGNIFICANDO O BRASIL (HISTÓRIA E LITERATURA)

Recebido em 15/12/2009

Aceito em: 20/03/2010

Marcia Regina Capelari NAXARA *

Resumo: *A polissemia contida na palavra deserto encontra significação paralela quando se trata de pensar a(s) idéia(s) de sertão no decorrer das formas pelas quais se construiu a história, ou mesmo, as diferentes histórias que contam o Brasil e lhe atribuem significado. Considero aqui, alguns textos literários de diferentes gêneros – viajantes, memórias, romance, relatórios, estudos – que foram reunidos, nos anos 1940, com a pretensão de contar o Brasil, por meio de escritos relativos às suas paisagens e histórias. Muitos desses textos, provavelmente a sua maior parte, prendem-se à compreensão mesológica da formação dos povos, procurando definir seu caráter, bem como os aspectos identitários em formação, a partir do tripé constituído por meio, raça e tempo/história. A noção de sertão ganha centralidade e aparece profundamente associada à de deserto – ambas construções culturais que, simultaneamente, perdem e ganham transformações no decorrer do tempo.*

Palavras-chave: *deserto; sertão; paisagens; histórias*

A minha contribuição para o debate que nos reúne – centrado na noção “deserto”, tomado em seus “significados de carácter cultural, ideológico, demográfico, ecológico” historicamente construídos no continente americano –, vai na direção de refletir sobre algumas das formas como foram sendo realizadas leituras e interpretações do Brasil no processo comumente denominado de formação, que toma a colonização e a “conquista” e ocupação do território pelo avançar por suas terras interiores, freqüentemente nomeadas “sertão/ sertões”, noção que procuro aproximar à de deserto.

A essas duas noções – “deserto” e “sertão” –, em seus múltiplos significados, penso que talvez possamos associar ainda, a não menos complexa noção de “fronteira”, em especial quando a referência esbarra nas inúmeras

* Departamento de História – UNESP-Franca. Pesquisadora 2 CNPq. Texto que tive a oportunidade de debater no Simpósio Los desiertos en la historia de América: del despoblamiento a la aridez. Una mirada multidisciplinaria, no 53º Congreso Internacional de Americanistas (ICA) – Los pueblos americanos: cambios e continuidades. La construcción de lo próprio en um mundo globalizado, realizado na Cidade do México, em julho de 2009.

fronteiras móveis, movediças mesmo, que permearam, aproximando e afastando, povos colonizadores e colonizados, em especial quando os autóctones foram aproximados à natureza, para considerá-la despovoada e, portanto, desértica.

Início pela transcrição de três pequenos trechos de Sérgio Buarque de Holanda, que têm por tema a ocupação das terras interiores do Brasil – do seu sertão – e por foco a expansão e conquista efetivadas pelos habitantes de São Paulo. Parecem-me esclarecedoras do sentido de múltiplos significados, assim como da demonstração, pelo historiador, da inexistência de uma racionalidade colonizadora dada de início e que, desse modo, fosse capaz de explicar os resultados a que chegou a demarcação de fronteiras portuguesas e espanholas na América do Sul. Esclarecedoras também, de um sentido e modo de ocupação do território que, por longo tempo, não incorporou ou, melhor, desconheceu as terras interiores.

Durante os primeiros tempos da colonização do Brasil, os sítios povoados, conquistados à mata e ao índio, não passam, geralmente, de manchas dispersas ao longo do litoral, mal plantadas na terra e quase independentes dela. Acomodando-se à arribada de navios mais do que ao acesso do interior, esses núcleos voltam-se inteiramente para o outro lado do oceano.

[...] Sua vocação [dos paulistas] estaria no caminho, que convida ao movimento; não na grande propriedade rural que forma indivíduos sedentários.¹ (HOLANDA, 1956/1994, p.9)

[...] Se o aceno ao caminho, “que convida ao movimento”, quer apontar exatamente para a mobilidade característica, sobretudo nos séculos iniciais, das populações do planalto paulista – em contraste com as que, seguindo a tradição mais constante da colonização portuguesa, se fixaram junto à marinha –, o fato é que essa própria mobilidade é condicionada entre elas e irá, por sua vez, condicionar a situação implicada na idéia de “fronteira”. Fronteira, bem entendido, entre paisagens, populações, hábitos, instituições, técnicas, até idiomas heterogêneos que aqui se defrontavam, ora a esbater-se para deixar lugar à formação de produtos mistos ou simbióticos, ora a afirmar-se, ao menos enquanto não a superasse a vitória final dos elementos que se tivessem revelado mais ativos, mais robustos ou melhor equipados. Nessa acepção a palavra “fronteira” já surge nos textos contemporâneos da primeira fase da colonização do Brasil e bem poderia ser utilizado aqui independentemente de quaisquer relações com o

¹ O texto é de *Monções* (Rio de Janeiro, 1945), citado pelo próprio autor em *Caminhos e Fronteiras* (1956/1994). O mesmo texto, com ligeiras modificações de escrita, abre o volume *Caminhos do Extremo Oeste*, publicação póstuma de 1986.

² A idéia/percepção de uma ocupação “mal plantada” na terra já se encontrava em *Raízes do Brasil*, como um entre os fatores a explicar a sua formação. Além do autor, Sérgio Buarque de Holanda, remeto para BRESCIANI, 2005.

significado que adquiriu na moderna historiografia, em particular na historiografia norte-americana desde os trabalhos já clássicos de Frederick Jackson Turner.² (HOLANDA, 1956/1994, p.12-13)

A eles como uma referência explícita à aproximação entre “sertão” e “deserto”, pela transcrição de trechos de *Viagem ao Araguaya*, do General Couto de Magalhães (viagem realizada em 1862, relato publicado em 1863), ao referir-se a uma região de “fronteira” como não tocada pela civilização, como “paragens” onde “o solo é tão fértil, onde o rio oferece ao pescador numerosos pescados, onde o bosque encerra tanta caça,...”:

Aqui o **deserto** é de uma majestade tão imponente, que assombra e abate o espírito.

[...]

Tudo concorre para que as impressões sejam aqui profundas. O espírito vagueia por essas solidões, a imaginação figura esses milhares de léguas sem um só habitação de homem civilizado. [...]

[...]

[...] Quantas riquezas não dormirão ahi occultas? Tudo é mysterio! O pé de **sertanista** ousado nunca imprimiu seu rasto na areia destes *desertos*. (MAGALHÃES, 1863/1934, p.94-96, grifos meus)

E, ainda, duas imagens que guardam similitude nos seus respectivos modos de composição, contendo a idéia da busca, do caminho, dos momentos que são, simultaneamente, de passagem e de saída para o sertão:

- a primeira, fotografia clicada por Agenor Couto de Magalhães (1945, p.56), sobrinho do General, que na década de 1930 refez o caminho de São Paulo a Goiás, seguindo os passos do tio e recolhendo em imagens aquilo que o primeiro procurou traduzir em palavras.³
- a segunda, desenho de Guilherme Valpeteris, ilustra o volume VI da coleção *Histórias e paisagens do Brasil*, dedicado a São Paulo (RIEDEL, 1958-1959, p.47).

³ Recupero aqui algumas das reflexões que constam de texto anterior: “Encantos” e “Conquistas” do oeste: desvendar fronteiras e construir um lugar político, publicado em coletânea organizada em conjunto com Horacio Gutiérrez e Maria Ap. Lopes (2003, p.225-248). A imagem, na ocasião, foi utilizada na composição da capa da coletânea.



Considero, portanto, que a polissemia contida na palavra **deserto** parece encontrar significação paralela, e/ou aproximada, quando se trata de pensar a(s) idéia(s) de **sertão** nas formas pelas quais se construiu a história, ou mesmo, as diferentes histórias que contam o Brasil a partir de seus atributos, tanto naturais como relacionados à ocupação humana – população autóctone, português colonizador, negros aportados como escravos, inúmeros outros que chegaram e toda a miscigenação cultural que daí resultou. Parece-me que isso seja visível nos textos de diferentes gêneros – viajantes, memórias, romances, relatórios, estudos, produção historiográfica – ou seja, nos escritos relativos às suas paisagens e histórias. Textos que, em grande parte, prendem-se a uma compreensão mesológica da formação dos povos, procurando definir seu caráter, bem como os seus aspectos identitários quando em formação, a partir do tripé constituído por meio, raça e tempo/história. No caso do Brasil, a noção de sertão ganha centralidade e aparece profundamente associada à de deserto (tanto em aproximações à sua literalidade, como no seu emprego figurado, por meio de metáforas e alegorias, capazes de transmutar significações). Ambos – deserto e sertão – como construções culturais que, simultaneamente, perdem e ganham transformações no decorrer do tempo.

Considerando o Brasil em sua diversidade, a primeira circunscrição – posta desde o início pelas citações –, se efetiva neste texto justamente pelo ponto de vista do olhar e da análise: geográficos, respondem a uma tradição de conquista e ampliação do território brasileiro para além do Tratado de Tordesilhas, para as terras a oeste, a partir do Planalto de Piratininga – o reconhecimento daqueles que, pioneiramente, olharam e tomaram o caminho da expansão para o interior – os bandeirantes paulistas. Marcos simultaneamente geográficos e históricos que possibilitam a associação que pretendi: qual seja, aproximar as noções de “deserto” e “sertão” que, em seus múltiplos sentidos, podem conter os de pouco povoado, não civilizado, lugar de incerta definição, de passagem, inóspito... nem sempre associados ao sentido primeiro que a palavra evoca.

Vale dizer que não foi incomum a vinculação (por deslocamento? ou sensibilidade?) do sentido da palavra deserto para a ausência de ocupação humana considerada civilizada – no caso, colonizadores com origem ou vínculo com a metrópole européia –, regiões desérticas, pouco ocupadas, pouco conhecidas ou mesmo desconhecidas, como a efetivada pelo General Couto de Magalhães.

“Sertão” e “deserto”, aqui, como espaços em aberto – fronteiras em múltiplos sentidos. Trata-se das histórias de conquista e incorporação que foram sendo efetivadas ao longo do tempo, desde a colonização do planalto e do movimento de seus moradores em busca, seja do eldorado, seja de meios de vida e sobrevivência, com as entradas e bandeiras sertão adentro. Conquista que alimentou (e alimenta), recorrentemente, o mito bandeirante, que imagina os homens que dele participaram como seres indômitos, conquistadores e formadores do território da nação e, por conseqüência, da sua visibi-

lidade como nação, ainda que não a abarque por inteiro do ponto de vista físico, até porque, uma segunda colocação desde sempre presente foi a do reconhecimento da diversidade do solo e população brasileiros.

Tomo em consideração alguns textos que contribuíram para a afirmação do mito paulista. Sua reposição ocorre pela constante retomada que procura imprimir a idéia de continuidade ao olhar para o passado, como se a intenção estivesse posta e dada desde o início, pela afirmação de uma linha-gem a partir de um *locus* privilegiado – o que se considera, com todas as suas problemáticas e imprecisões, o *mundo civilizado*; como se a idéia de formação da nação pela expansão territorial estivesse posta, já no período colonial – um ponto de partida para o tudo e para o nada: a gênese da formação da nação, que se procura ler, ao menos em parte, na expansão bandeirante e na conquista das infundáveis veredas de seus sertões.⁴ Caminhos, aventuras e incorporações que contribuem para a construção de identidades particulares, identidades regionais, identidades nacionais que vão se confundindo e subsumindo umas às outras, de forma complexa e nem sempre livre de tensões. São textos de diferentes gêneros:

- *Encantos do Oeste* de Agenor Couto de Magalhães que, como já dito, toma por referência a *Viagem ao Araguaia* do General Couto de Magalhães.

- Dois trechos entre os que foram reunidos por Ernani Silva Bruno no volume VI da coleção *História e paisagens do Brasil*, que tem por recorte a São Paulo do planalto e dos cafezais como região, também já citado.

A leitura do conjunto de textos deste último volume possibilita retomar algumas das reflexões que qualifiquei como representações do mundo “entre natureza e civilização” (NAXARA, 2004), tendo em vista que, historicamente, afirmou-se a dicotomia fundamental entre campo e cidade, ainda que comportando uma grande gama de representações polissêmicas, em especial nas que se realizaram tomando por referência o então chamado “novo mundo”, pensando de forma mais específica o Brasil e as figurações do sertão, expressas em significados de polarização com os espaços da civilidade e da civilização, fortemente identificados ao urbano e, portanto, à materialidade da(s) cidade(s). Dessa forma, penso que preponderou (e prepondera) quando se pensa e representa o Brasil, seja pelo texto ou pela imagem, a procura do pitoresco, do exótico, do diferente, com realce da natureza, via de regra visualizada pela sua generosa grandiosidade e pelo que tem de “específico”. Remete-se para um Brasil interior, que se perde em distâncias e diversidades que, não poucas vezes, foram lidas como descompasso e desacerto em relação aos caminhos da civilização e da cultura ocidentais, demarcando a pre-

⁴ Com relação ao mito bandeirante ver ABUD (1985) e FERREIRA (2002).

dominância da idéia de um país que, ao buscar o estabelecimento de identidades próprias – nacionais ou locais – capazes de estabelecer sentido de interpretação para a nação, aproximando-a do mundo civilizado, acabou pela aproximação e reiteração constante do cenário natural maravilhoso, pleno de potenciais inexplorados, tendo em vista a construção de imagens a serem projetadas como ideais e sempre futuras.⁵

Do ponto de vista que nos interessa, são ricos os textos de Plínio Salgado e Mário de Andrade entre os que Bruno selecionou sobre São Paulo, por condensar imaginários de grande permanência e efetividade. Do primeiro, tópicos do romance *O Estrangeiro*, de 1926 (SALGADO apud RIEDEL, 1958-59), tendo por tema a experiência de imigrantes introduzidos com a expansão do café;⁶ do segundo, o conto “Caso em que entra bugre”, do livro *Belazarte*, de 1929, que foca a relação de “paulistas”, dos tempos caracterizados como de início da “civilização de delegado” por Mário de Andrade (apud RIEDEL, 1958-59), na relação com os indígenas, realçando de forma crítica, a violência inscrita na sociedade da época.

De *O Estrangeiro* Bruno enumera um conjunto de fragmentos que, em meio a citações bíblicas da errância de Jacó, realça o estranhamento do imigrante estrangeiro que chega ao Brasil (São Paulo) – no caso, a personagem Ivan⁷ – e o “peso da fatalidade” do adaptar-se a uma nova terra – “triste”, na percepção imediata de quem chega. Ao manifestar a curiosidade de conhecer o “caboclo autêntico”, Ivan tem como resposta: eram raros; “quase todos estavam no sertão”. [...] “O legítimo, esse prosseguia a sua faina, rumo das brenhas, afastando-se da onda absorvente dos estrangeiros”. A conclusão é enfática na caracterização:

— Caboclo! Hércules em fuga, a rebentar portas de bronze!

[...]

Cataclisma de raças; sedimentação de caracteres civilizadores: sobre o rastro do selvagem, o rastro do mameluco; depois, sobre a terra desvirginada e domada, o colono estrangeiro estabilizando a agricultura...

[...]

Os que partem são **fortes como fundadores de países**. Os que ficam, são como *seu* Indalécio, olhos morteiros, toadas monótonas nos lábios... (SALGADO, 1926 Apud RIEDEL, 1958-59, p.229-230, grifo meu).

⁵ A propósito, ver NAXARA (2001/2009, p. 431-455).

⁶ São reproduzidos tópicos do romance *O Estrangeiro*, de 1926, em que o autor, segundo suas próprias palavras, procurava “fixar aspectos da vida paulista nos últimos dez anos”.

⁷ Ivan é personagem que fugiu da Rússia por conspirar contra o Czar. Falava bem o italiano e agregou-se à família do italiano Cármine para o trabalho na colheita de café.

No conto extraído de *Belazarte* Mário de Andrade utiliza a personagem Sanches, portadora das características de verdadeiro chefe caudilho local, conhecedor do sertão, capaz de se embrenhar na mata à caça de índios, conhecendo suas “manhas” e sendo capaz de lidar com a floresta como se a conhecesse intimamente. Do pretexto de “buscar Marciano” que teria sido atacado por bugres, organiza uma expedição de busca: Foi uma bandeira em regra, equipamento completo e **dezoito companheiros decididos** (1929 Apud RIEDEL, 1958-59, p.247, grifo meu).

Seguindo pistas acabam sendo atacados por uma “zoada medonha duns quarenta bugres gritando, pulando para amedrontar. E a chuvada de flechas no pessoal. Nem sei como não fugiram. Mas logo um rito do Sanches visitou o órgão da vista dum marmanjo quarentão, nu todinho. Foi um esparramo na bugrada” (ANDRADE, 1929 apud RIEDEL, 1958-59, p.252).

Episódio que dá início a escaramuças sangrentas. A narrativa é encerrada com o juízo sobre a matança dos indígenas promovida por Sanches e seu grupo, pondo a descoberto o verdadeiro motivo da bandeira (mais uma vez os grifos são meus):

Isso foi só **pano-de-amostra de u’a matança em regra** que somou duas dúzias de bugres, contando os curumins, e não contando o que apareceu pela metade e temporão no ventre da mãe morrendo. Dias depois deram com o mocambo, que era numa aberta artificial do mato. Cêrco bem feito e tiro em pleno Sol das catorze horas.

Então a bandeira voltou pra Campos Novos. Inútil perguntar por Marciano. Jamais ninguém saíra em busca de Marciano, um defunto. **Voltavam felizes** com bem rapidez, e muita coisa pra satisfazer por dentro. E por fora também, com as pabalagens! ... E o mato virgem que em toda a parte do mundo sempre guarda numerosíssimos indícios de civilização pros olhos misteriosos dos exploradores, não dava mais pro grupo as marcas vivas de Marciano, com que na ida eles **alimentavam a felicidade de matar** (ANDRADE, 1929 apud RIEDEL, 1958-59, p.255, grifos meus).

Texto que bem ilustra algumas das formas como as fronteiras foram sendo expandidas pelo que comumente se denominou civilização.

Agenor Couto de Magalhães, com outros propósitos, ao publicar álbum que registra fotograficamente sua viagem rumo ao oeste, inicia por um “Resumo histórico da marcha para o oeste”, que tem início pela fundação de São Paulo de Piratininga e que repõe a sua vocação sertanista e os mitos da expansão paulista – ou seja, do alargamento das fronteiras e conseqüente conquista do sertão. No prefácio, Gastão Cruls afirma a necessidade de que “andem juntos os olhos de um homem de ciência e a alma de um verdadeiro artista”, (1945, p.9) para produzir pelo olhar que recorta através da lente, ora a paisagem, ora o detalhe, que diz do sertanista e do seu contato com as populações indígenas e com a natureza do oeste.

(Re)afirma, então [1944], o caráter acolhedor da Vila de São Paulo desde o seu início, o pendor para as “grandes caçadas” e para as “caminhadas épicas de anos a fio através da hinterlândia brasileira sem limites precisos, para um mundo novo e fascinante, transbordante de mistérios...” (MAGALHÃES, 1945, p.12) e, simultaneamente, o caráter feroz e violento que marcou tais expedições, num misto de admiração pelas realizações e temor pelos excessos – homens “que se compraziam em aliciar **gente sanguinária** para os seus bandos, que **se orgulhavam dos massacres, em massa, contra aldeamentos de selvagens...**” (MAGALHÃES, A., 1945, p.16, grifos meus) e que, ao longo de seus empreendimentos foram “**semeando gente de sua grei** a formar aldeias pelos sertões inóspitos de Goiás, Mato Grosso, Minas, Bahia e todos esses fundões onde o tacão das botas rústicas desses gigantes fertilizaram o chão com as gerações que fizeram surgir” (MAGALHÃES, 1945, p.20, grifos meus).

As fotos que compõem o álbum contem recortes, tomadas de cena e flagrantes, que aproveitam a luminosidade e o ambiente, de forma a enfatizar o caráter épico das terras conquistadas, tanto em sua natureza como em sua ocupação humana na década de 1940.

Parece possível, a partir da citação que segue, ainda de Agenor Couto de Magalhães, retomar o historiador – Buarque de Holanda – que escolhi como ponto de partida para explicitar ao menos parte das ambigüidades e ambivalências contidas neste e em outros contatos, avanços e mobilidades de fronteiras. Afirma o autor:

Nas páginas sombrias que esses desbravadores das selvas escreveram com o sangue de milhares de vítimas, refulgem, em **contraste**, os seus feitos verdadeiramente épicos, como a reabilitá-los das atrocidades e ignomínias que praticaram. Nos roteiros que eles traçaram através de florestas impérvias, campos imensos e rios sem fim, repousa o testemunho de uma raça viril, que se plasmou para as grandes realizações (MAGALHÃES, 1945, p.20, grifo meu).

Palavras que, com força, marcam a violenta bravura e realçam o **contraste** (ainda que com o sentido de reabilitação, ou mesmo de compensação) entre perdas, danos e ganhos de que a vida e história dos homens, como sabemos, são plenas. Realça, portanto, a conquista de vidas e de riquezas.

Buarque de Holanda vai além, ao estudar e detalhar, para além da destruição, a construção de um novo modo de vida, baseado em grande parte na troca e absorção de ensinamentos do gentio, ou seja, dos da terra. Em *Caminhos e fronteiras* demonstra o quanto a expansão dos paulistas esteve vinculada à busca da sobrevivência e como se deu no aprendizado e troca com as populações indígenas locais – trocas de experiências acumuladas, capazes de gerar saberes e práticas de coleta, de agricultura, enfim, da cultura material que foi então se formando. A insistência está na demonstração da não existência do que poderia ser pensado como um processo civilizador de mão

única, mas da formação de práticas novas (inovadoras?), que foram amalgamando os conhecimentos dos povos então em contato. Demonstra com alentada pesquisa, como os roteiros e os traçados percorridos se valeram dos antigos caminhos indígenas e como havia em um (indígenas) e em outro (sertanistas paulistas) a sensibilidade para a escolha dos melhores trajetos, ou seja, daqueles que trariam os melhores resultados. Sem dúvida um caminho conflituoso, que embora contemple a prevalência do colonizador bandeirante, foi marcado por profundas e fortes utilizações e apropriações daqueles já experimentados e percorridos pelos “da terra”. Retomo do seu texto, citado inicialmente, a idéia de fronteira “entre paisagens, populações, hábitos, instituições, técnicas, até idiomas heterogêneos que aqui se defrontavam...” (HOLANDA, 1956/1994, p.12).

Contato entre a natureza e a civilização, entre o homem bárbaro e selvagem e o homem considerado civilizado, entre os diferentes e diversos espaços, perdidos em meio ao todo, quase sempre representado como inóspito ao homem, o sertão ou os sertões – desertos incivilizados no dizer de Couto de Magalhães – lugares quase que indefiníveis ou mesmo indefiníveis e, provavelmente por isso, atraentes, desconhecidos, mais sentidos do que propriamente apreendidos pela razão. Locais e gentes que ganham força especial, prestando-se de forma exemplar a representações estéticas de grande força plástica, contendo um apelo aos sentimentos e contribuindo para as constituições de fragmentos da memória nacional, além de alimentar representações e reflexões sobre a constituição de caracteres identitários locais e, também, da nacionalidade.

Sem dúvida, aspectos da sensibilidade são visíveis – o bandeirante indomável aparece, via de regra, como o desbravador; o índio, também indomável, como o selvagem; têm em comum a assustadora coragem do enfrentamento de vida e morte. O primeiro é o civilizador vitorioso; o segundo, condenado justamente por não possuir os atributos da civilização, sem que se leve em conta os posicionamentos e estratégias de ataque e defesa. Imagens fortes – ambíguas e ambivalentes –, de que resulta um tipo humano e uma leitura da lugar/vila/cidade – São Paulo – que se projeta e é projetada, ao longo do tempo, como irradiadora da ocupação territorial e da formação da nação, nas maneiras e gêneros e imagens pelos quais se contam suas inúmeras histórias.

Como afirmado por Buarque de Holanda (1986) no trecho que utilizei inicialmente, a vocação dos paulistas estava “no caminho”, na mobilidade. Mobilidade possível pela existência de fronteiras abertas. Mobilidade que levou muitos, ao longo do tempo, a percorrer uma imensidão de terras e veredas, tomadas e trabalhadas pela grandiosidade da natureza e sua importância no pensar a terra brasileira como personagem de primeira grandeza – seja na indigência e na necessidade dos “míticos” bandeirantes, aos quais Holanda procurou imprimir um senso/sentido de “realidade”, seja na deliberada inten-

ção do conhecimento presente nos naturalistas de diversas nacionalidades e de homens da terra que, por diversas razões, adentraram os sertões interiores ao longo do tempo. Ou mesmo no esforço para construir a nacionalidade, que marcou o pensamento de grande parte da intelectualidade no decorrer do século XIX e primeira metade do XX, períodos em que ganhou contorno e foi-se difundindo o que seria o Brasil que hoje (re)conhecemos, ainda misterioso em seus inúmeros segredos e recantos.

São memórias e histórias constantemente (re)atualizadas, tanto pelo esforço de uma compreensão racional que não somente pode, mas deve, incluir a crítica, como também pela força de adesão conferida pelo sentimento de pertencimento, na definição de lugares caros às formações identitárias e, em especial, à procura de afirmação de um lugar, também caro, a São Paulo, no conjunto da nação – a imagem de força impulsionadora do alargamento das fronteiras e da formação de uma determinada unidade, que tem continuidade como lugar receptivo, que se forma constantemente pela convergência de pessoas de diferentes origens que aqui aportaram e continuam a aportar – neste sentido fronteira(as) em continuidade permanente – que, incessantemente repõe a sua mítica mística identitária no bandeirante e na marcha para o sertão.

NAXARA, M. R. C. DESERTS OF CIVILIZATION: SIGNIFYING BRAZIL (HISTORY AND LITERATURE)

Abstract: *The polisemy contained in the word desert finds a parallel meaning when we think of the idea(s) of “sertao”, or backlands, along the forms through which history was constructed, or yet, the different stories told in Brazil, which provide it with meaning. In this work, I consider some literary texts from different genres – travel literature, memoirs, novel, reports, studies – which were written along the 1940s with the purpose of describing Brazilian landscape and stories in writing. Many of these texts, probably most of them, are linked to the mesologic understanding of the constitution of the peoples, seeking to define their characteristics, as well as their identity aspects in construction, from the environment-race-time/history perspective. The notion of “sertao” becomes central and appears deeply associated to the idea of desert – both of which are cultural constructions which simultaneously last and are transformed through time.*

Keywords: *desert, backlands, landscapes, stories*

Referências

ABUD, Kátia. O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições (a construção de um símbolo paulista: o bandeirante). Tese de doutoramento, FFLCH-USP, 1985.

ANDRADE, Mário de. Caso em que entra bugre (Conto – 1929). Apud RIEDEL, Diaulas (org.). *Histórias e paisagens do Brasil*. Volume VI – O planalto e os cafezais: São Paulo. Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens. Seleção, introdução e notas de Ernani Silva BRUNO. São Paulo: Cultrix, 1958/1959. p.245-255.

BRESCIANI, S. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: Ed.Unesp, 2005.

CRULS, Gastão. Prefácio. In: MAGALHÃES, Agenor C. de. *Encantos do Oeste*. Um pedaço do Brasil onde o homem se identifica com a natureza. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. p. 9.

FERREIRA, Antonio C. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Ed.Unesp, 2002.

HOLANDA, S. B. de. *Caminhos do Extremo Oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (publicação póstuma)

_____. *Caminhos e Fronteiras*. [1956/1975] 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MAGALHÃES, Agenor C. de. *Encantos do Oeste*. Um pedaço do Brasil onde o homem se identifica com a natureza. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

MAGALHÃES, General C. de. [1863] *Viagem ao Araguaya*. 3ª ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1934. (Brasíliana, vol. XXVIII).

NAXARA, Marcia R. C. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Ed.UnB, 2004.

_____. “Encantos” e “Conquistas” do oeste: desvendar fronteiras e construir um lugar político. In: GUTIÉRREZ, H.; NAXARA, M. R. C. & LOPES, Maria Ap. S. (orgs.) *Fronteiras – paisagens, personagens, identidades*. Franca: Unesp; São Paulo: Olho d’água, 2003. p. 225-248.

NAXARA, Marcia R. C. Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Marcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed.Unicamp, 2001/2009, p. 431-455.

RIEDEL, Diaulas (org.). *Histórias e paisagens do Brasil*. Volume VI – O planalto e os cafezais: São Paulo. Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens. Seleção, introdução e notas de Ernani Silva BRUNO. São Paulo: Cultrix, 1958/1959.

SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. 1926. Apud RIEDEL, Diaulas (org.). *Histórias e paisagens do Brasil*. Volume VI – O planalto e os cafezais: São Paulo. Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens. Seleção, introdução e notas de Ernani Silva BRUNO. São Paulo: Cultrix, 1958/1959. p.223-243.